



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12583 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

DESAFIOS DA PESQUISA COM MULHERES QUILOMBOLAS DO MARANHÃO: a interface das epistemologias decoloniais

Ilma Fátima de Jesus - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

**DESAFIOS DA PESQUISA COM MULHERES QUILOMBOLAS DO MARANHÃO:
A INTERFACE DAS EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS**

INTRODUÇÃO

O presente texto decorre da pesquisa realizada em curso no Doutorado em Educação, que trata da realidade educacional das mulheres quilombolas e adota as epistemologias decoloniais, perpassando pela análise de gênero na comunidade quilombola Piqui da Rampa, Vargem Grande, Maranhão.

A interface das epistemologias decoloniais na pesquisa está presente, como as epistemologias do Sul que investigam as lutas sociais (SANTOS, 2019), e a luta contra a opressão (FREIRE, 1996), inserindo o diálogo freiriano com bell hooks (2020), a perspectiva afrocentrada (ASANTE, 2019), os desafios das epistemologias africanas (OYĚWÙMÍ, 2021), e o Mulherismo Africana (HUDSON-WEEMS, 2020). Buscamos também outras teorias e referências que aprofundam o conhecimento sobre a questão de gênero, raça/etnia na educação como: Gomes (2017) que valoriza os saberes do povo negro no mundo; Gonzalez (1982), que reflete sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira; Munanga (2015), que critica a história da África contada pelo colonizador e Silva (2011) que valoriza os conhecimentos que reconhecemos sobre África e diáspora.

O estudo inclui a história e política educacional e a história de educadoras negras maranhenses invisibilizadas como: Maria Firmina dos Reis, professora e escritora, e

professoras silenciadas na história da educação brasileira como Laura Rosa e Maria José Aragão, salientando que esses estudos se cruzam na pesquisa com as mulheres da comunidade quilombola Piqui da Rampa que têm uma presença ampliada no ensino superior, o que incide na transformação de uma realidade atingida pelas desigualdades.

Pretendemos possibilitar uma reflexão sobre a necessidade de buscar referenciais epistemológicos decoloniais e afrocentrados buscando substituir os eurocêntricos tão recorrentes nas pesquisas acadêmicas.

2 EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS E A PESQUISA COM MULHERES QUILOMBOLAS

As epistemologias decoloniais com metodologias de pesquisa das epistemologias do Sul que investigam as lutas sociais e indicam a necessidade de ruptura com o eurocentrismo para valorização e reconhecimento dos saberes alternativos, inserindo a luta contra a opressão, são adotadas na pesquisa com mulheres quilombolas que ora realizamos representando desafios nas investigações acadêmicas.

2.1 Afrocentricidade

A perspectiva afrocentrada rompe com um modelo pedagógico em que persiste o eurocentrismo e afirma que: “a afrocentricidade é uma estrutura de referência na qual os fenômenos são vistos da perspectiva da pessoa africana”. (ASANTE, 2019, p. 2). Os quilombos, que são espaços de resistência negra, são indagados em escritos do autor que se refere sobre o que pensavam os africanos sobre a criação dos quilombos.

O autor vem influenciando referências a partir da edição do livro Afrocentricidade (1980), ao afirmar que “no cerne da ideia afrocêntrica está a afirmativa de que nós africanos devemos operar como agentes autoconscientes” (MAZAMA, 2009, p. 111). Mazama alerta que devemos a ele “a transformação da relevância epistemológica africana em um princípio científico operacional, da mesma forma que devemos a Cheikh Anta Diop (1991) a transformação da negritude dos antigos egípcios num princípio nacional científico”. (MAZAMA, 2009, p. 118)

Para Mazama (2009, p. 118): “O próprio Asante (1980, p. vi; 104) “identifica os quatro grandes blocos que formam a estrutura fundamental da afrocentricidade: a filosofia de Marcus Garvey, o movimento da Negritude, o Kawaida e a historiografia de Diop”.

Nessa perspectiva, a pesquisa com mulheres quilombolas prioriza referências

decoloniais, como a afrocentricidade e a temática étnico-racial e de gênero.

2.2 As Epistemologias do Sul

Boaventura Sousa Santos (2019) discorre sobre as metodologias pós-abissais, e questões sobre metodologias que investigam as lutas sociais, como as metodologias não extrativistas fundamentadas em relações sujeito-sujeito e não em relações sujeito-objeto, apontando para o contexto existencial, no qual as metodologias orientadoras da investigação pós-abissal são colocadas na prática, com as dimensões sensoriais e emocionais, que abordam a exclusão abissal que atinge mulheres negras.

Para o autor, o efeito da linha abissal desarmou os que estão do outro lado da linha, desvalorizou os conhecimentos e promoveu o epistemicídio, pois o colonialismo não acabou, continua a ocorrer neste século, em vários países do mundo e o pensamento eurocêntrico parte da ideia de progresso. No Brasil, com o desgoverno atual, a ideia se agrava com a violência aos povos não brancos como os originários e quilombolas.

Na pesquisa que ora realizamos, a fundamentação das epistemologias decoloniais abrange as estratégias de confiança que são estabelecidas com o que deve ocorrer nas pesquisas com povos e comunidades tradicionais, num trabalho colaborativo em que, no contexto pesquisado, o conceito de luta, de liberdade e de combate à opressão estão presentes; apesar de que a luta tem limites e possibilidades de resistência, pois a vivência da experiência no trabalho de campo da pesquisa não observa as pessoas, mas escuta, e nos disponibilizamos para as mulheres quilombolas para ouvi-las.

A leitura das metodologias pós-abissais contempla a oralidade, e a oralitura, que está ao lado da literatura porque em muitas culturas, as narrativas orais são passadas de geração em geração para manter e registrar sua história, e para poderem preservar a cultura do seu povo, de sua comunidade, sendo um elemento essencial da tradição oral.

Nesse sentido, a autoria é importante e as metodologias utilizadas devem pensar em trabalhos realizados de forma colaborativa na ecologia de saberes, que valoriza saberes tradicionais para transformação do mundo.

Santos, aponta para um dos críticos do colonialismo, Molefi Asante, pensador decolonial pela perspectiva afrocentrada que está amparada na ideia de afrocentricidade como “[...] um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe as (os) africanas (os) como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (SANTOS, 2009, p. 96)

A escritora bell hooks lembra Paulo Freire em um seminário na Universidade Santa Cruz em que ela era docente nos Estados Unidos, e revela em seu livro: "Não podemos entrar

na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde" (hooks, 2020, p. 66) e salienta: "A lição que aprendi vendo Paulo incorporar na prática aquilo que descreve na teoria foi profundo. Entrou em mim, me tocou de um jeito que nenhum escrito poderia tocar e me deu coragem. [...] A presença de Freire me inspirou" (hooks, 2020, p. 79-82)

Assim, a obra de Paulo Freire (1996) se soma na pesquisa com as ideias sobre o diálogo, enfrentando uma classe dominadora que, pela violência, opressão, exploração e injustiça, perpetua-se.

3 DESAFIOS DA PESQUISA COM MULHERES QUILOMBOLAS: A INTERFACE DAS EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS

Na pesquisa com mulheres quilombolas, buscamos os caminhos da decolonialidade que nos apontam para as epistemologias africanas para os estudos sobre gênero (OYĚWÙMÍ, 2021), e o Mulherismo Africana (HUDSON-WEEMS 2021), indicando que as mulheres africanas procuram outras teorias de gênero para não serem silenciadas.

3.1 Gênero e as epistemologias africanas

Oyèrónké Oyěwùmí (2004, p. 2) afirma que “quaisquer estudos sérios sobre o lugar do "gênero" em realidades africanas devem necessariamente levantar questões sobre conceitos vigentes e abordagens teóricas” e alerta: “embora a nossa busca por entender não possa ignorar o papel das feministas ocidentais, devemos questionar a identidade social, interesses e preocupações das fornecedoras de tais conhecimentos”.

Para a autora, “a trajetória do discurso feminista nos últimos 25 anos foi determinada pelo ambiente cultural ocidental de sua fundação e desenvolvimento” (OYĚWÙMÍ (2021, p. 41), pois

as sutilezas sobre a relação entre gênero e sexo, o debate sobre essencialismo, os debates sobre as diferenças entre as mulheres e a preocupação com a inclinação/cominação de gênero que caracterizaram o feminismo são, na verdade, versões feministas do extenso debate sobre a natureza versus criação, inerente ao pensamento ocidental e a lógica de suas hierarquias sociais” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 42).

A autora alerta que embora “o feminismo seja um discurso universalizante, as questões que o informaram são ocidentais (e seu público também é aparentemente considerado composto apenas por ocidentais” (OYĚWÙMÍ (2021, p. 43).

Para Oyěwùmí (2021, p. 79), “gênero é melhor entendido como “uma instituição que estabelece padrões de expectativas para indivíduos (com base em seu tipo de corpo), ordena os processos sociais da sociedade, como economia, ideologia, família e política”

Nessa perspectiva, as duas categorias básicas de mulher e gênero demandam um repensar, a partir do caso yoruba em que se centra a pesquisa da autora, o que sugere que outras sociedades africanas com problemas semelhantes devam ser estudadas.

3.2 As mulheres quilombolas e o Mulherismo Africana

Nossa pesquisa com as mulheres quilombolas considera o mulherismo africana que “não é o feminismo negro ou feminismo africano”, como afirma Hudson-Weems (2021, p. 41) ao ressaltar que este “fundamenta-se em nossa cultura e, portanto, concentra-se necessariamente nas experiências, lutas, necessidades e desejos únicos das mulheres Africanas” (HUDSON-WEEMS (2021, p. 44). A mulherista africana “percebe a si mesma como companheira do homem africano e trabalha diligentemente para continuar sua união estabelecida na luta contra a opressão racial” (HUDSON-WEEMS, 2021, p. 57).

Lélia Gonzalez reflete sobre a militância no Movimento Negro Unificado – MNU: “a presença da mulher negra tem sido de fundamental importância, uma vez que, compreendendo que o combate ao racismo é prioritário, ela não se dispersa num tipo de feminismo que a afastaria de seus irmãos e companheiros” (GONZALEZ, 1982, p. 103).

Hudson-Weems (2021, p. 61) nos leva a perceber que esse pensamento é semelhante a outras teorias com base na experiência do povo africano como o conceito de Negritude, que tem como expoentes Senghor e Césaire. Hudson-Weems (2021, p. 64), e ressalta que, “de acordo com Molefi Asante, a Afrocentricidade significa “colocar os ideais africanos como centro de qualquer análise que envolva cultura e o comportamento africano” (The Afrocentric Idea, 6). Para a autora (2021, p. 64-65), o que Asante defende aqui, como outros grandes estudiosos afrocêntricos antes dele (citando alguns nomes como Cheikh Anta Diop) “[...] é uma perspectiva das questões africana – colocando a África no centro das vidas e dos conceitos dos Africanos”.

A leitura da obra revela que o Mulherismo Africana tem uma perspectiva afrocêntrica na vida das mulheres africanas que inclui sua comunidade e companheiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa em curso no Doutorado em Educação analisamos a realidade educacional

das mulheres quilombolas, a partir de epistemologias decoloniais (SANTOS, 2019) e referenciais teórico-metodológicos afrocentrados (ASANTE, 2019), e que discutem a questão de gênero, raça/etnia na educação (GOMES, 2017), estudos que refletem sobre a mulher negra (GONZALEZ, 1982), sobre a história afro-brasileira e da África (MUNANGA, 2015) e Silva (2011) pela valorização dos conhecimentos e reconhecimento da África e diáspora; a luta contra a opressão (FREIRE, 1975, 1996), e o diálogo freiriano com bell hooks (2020).

Para os estudos sobre gênero refletimos sobre os desafios das epistemologias africanas (OYĚWŪMÍ, 2021), e o Mulherismo Africana (HUDSON-WEEMS, 2020), que são outras teorias de gênero, e incluem a história de educadoras negras maranhenses que foram silenciadas, com interface na pesquisa com as mulheres da comunidade quilombola Piqui da Rampa e a presença negra no ensino superior para transformar uma realidade atingida pelas desigualdades de gênero e raça.

Sabemos que a conjuntura vivida no país, hoje, traz retrocessos para a educação e não prioriza o que tem sido resgatado com o recorte étnico-racial na história da educação brasileira, e aplicação das políticas públicas que considerem as comunidades quilombolas, piorando a aplicação dessas políticas no período pandêmico atual que enfrentamos.

Entretanto, como a esperança de dias melhores é o que nos move, a pesquisa com as mulheres quilombolas considera as epistemologias decoloniais, a afrocentricidade, as epistemologias africanas e o mulherismo africana, buscando entender os relatos do diálogo com professoras e lideranças da comunidade quilombola Piqui da Rampa, que revelam que as famílias quilombolas, envolvendo pais e mães, procuram enfrentar as desigualdades geradas pelo racismo em nossa sociedade com a elevação da escolarização e entrada de filhas e filhos quilombolas no ensino superior e na pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi. A ideia afrocêntrica na Educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 31 – mai.-out. 2019, p. 136-148. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28261>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28261/24244>. Acesso em 10 ago.2022

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia, HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HUDSON-WEEMS, Clenora. *Mulherismo Africana: recuperando a nós mesmos*. São Paulo: Ed. Ananse, 2020.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MOTTA, Diomar das Graças. Mulheres Professoras Maranhenses: memória de um silêncio. *Educação & Linguagem* - Ano 11 – nº 18 - 123-135, jul.-dez. 2008

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015. Acesso em 12/03/2017

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano, para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%_conceitualizando_o_g%C3%AAnero.os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos
Acesso em: 02 mai. 2022

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Entre o Brasil e África: construindo conhecimentos e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.